

NAS CADEIRINHAS, MUITAS HISTÓRIAS PARA ESCUTAR ABERTURAS À ALTERIDADE E ÀS NARRATIVAS DE VIDA NO JORNALISMO

IN THE CADEIRINHAS MANY STORIES TO LISTEN TO OPENNESS TO OTHERNESS AND LIFE NARRATIVES IN JOURNALISM

Maurício João Vieira Filho ¹
Mariana Ramalho Procópio ²

Resumo

Objetivamos discutir quais são as implicações éticas e epistemológicas das aberturas à escuta do outro realizadas no quadro *Cadeirasinhas*, da TV Globo, no que diz respeito às narrativas de vida e à subjetividade como partes constituintes do jornalismo na atualidade. Mobilizamos duas edições do quadro no programa *Fantástico*, em 2024, e discutimos em dois eixos a partir de uma perspectiva discursiva respaldada em repertórios teórico-conceituais: (i) narrativas de vida como processos de ressignificação e exposição da intimidade; (ii) subjetividade e alteridade presentes no jornalismo ao dar visibilidade midiática a vidas anônimas. Concluimos que *Cadeirasinhas* é um fazer jornalístico guiado pela subjetividade como marca discursiva na construção narrativa e de abertura à escuta do outro, capaz de produzir um conhecimento desestabilizador, configurando-se como uma pausa no meio do movimento caótico das capitais e da vida urbana.

Palavras-chave

Escuta; narrativas de vida; subjetividade; jornalismo; Cadeirasinhas.

Abstract

We aim to discuss the ethical and epistemological implications of listening to others in TV Globo's *Cadeirasinhas* program, about life narratives and subjectivity as constituent parts of journalism today. We mobilized two editions of the segment on the *Fantástico* program in 2024 and discussed two axes from a discursive perspective supported by theoretical-conceptual repertoires: (i) life narratives as processes of reframing and exposing intimacy; (ii) subjectivity and otherness present in journalism when giving media visibility to anonymous lives. We conclude that *Cadeirasinhas* is a journalistic endeavor guided by subjectivity as a discursive mark in narrative construction and openness to listening to others, capable of producing destabilizing knowledge, configuring itself as a pause in the midst of the chaotic movement of capitals and urban life.

Keywords

Listening; life narratives; subjectivity; journalism; Cadeirasinhas.

1 Doutor em Comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), professor da Universidade Federal de Lavras (UFLA). Email: mauricio.vieira@ufla.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9638-7390>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6714652801645355>.

2 Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), professora da Universidade Federal de Viçosa (UFV). Email: mariana.procopio@ufv.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9661-5883>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4738042665488506>.

Introdução

Ouvir e escutar não são sinônimos. Debora Diniz e Ivone Gebara (2022) diferenciam os verbos, entendendo que ouvir pode ser um ato mecânico e, muitas vezes, passivo com a entrada dos sons pelos ouvidos, de forma desatenta e que diz, inclusive, de um aspecto capacitista de distinção social entre quem é ouvinte e quem é surdo. Todavia, escutar envolve um compromisso ético de entrega à alteridade e ao mundo, de afetar e ser afetado, que vai além das sonoridades emitidas e segue pela experiência. Na correria da vida moderna, sair à rua e se deparar com o outro se torna um acaso mecânico de não reconhecimento da alteridade. Podemos ouvir os barulhos dos veículos, das buzinas e do que acontece ao nosso redor, mas não escutamos quem se apresenta diante de nós.

Em vista dos imbróglis da modernidade e da necessidade ética de escuta, questionamos: será que escutamos o outro? Ou apenas ouvimos? Em quais sentidos o outro me convoca e me abro à escuta, tal como podemos nos aproximar da perspectiva político-ética de Emmanuel Lévinas (1997)? Especificamente, neste artigo, debruçamos nossas análises e reflexões no jornalismo, entendendo-o como um espaço potencialmente informativo que necessita do outro para existir, ou seja, das pessoas, para as histórias serem contadas e os acontecimentos, narrados. Nesse sentido, objetivamos discutir quais são as implicações éticas e epistemológicas das aberturas à escuta do outro realizadas no quadro *Cadeiras*, da TV Globo, no que diz respeito às narrativas de vida e à subjetividade como partes constituintes do jornalismo na atualidade³.

Cabe-nos explicar que *Cadeiras* foi originado como um quadro do programa *RJTV*, telejornalístico diário local da TV Globo no Rio de Janeiro, desde 2021, no qual o repórter Chico Regueiras leva duas cadeiras de praia e as coloca em um espaço público de grande movimentação na capital fluminense. No local, ele convida alguém que esteja passando para parar por alguns minutos, assentar-se e contar sobre a vida. Há dificuldades na abordagem, porque as pessoas alegam pressa ou estão atrasadas para algum compromisso. Também podemos inferir que a filmagem e o fato de ser algo excepcional no espaço público geram desconfiança ou intimidam a abertura das intimidades de forma pública para desconhecidos. Em 2024, o quadro estreou como série no *Fantástico*, principal revista eletrônica semanal da TV Globo, contando com a participação do sambista Xande de Pilares, que criou vinhetas de introdução para cada episódio. Teria quatro novas edições pelo Brasil, porém somente duas foram exibidas em razão de, naquela época, os esforços jornalísticos terem sido direcionados à cobertura das tragédias das enchentes no Rio Grande do Sul.

Em 28 de abril de 2024, a série estreia com um episódio no centro do Rio de Janeiro, na Estação da Carioca, com a apresentação da história de duas mulheres — Celena Santos e Lorena de Sousa — que conversam com Chico sobre suas trajetórias

3 Optamos por mobilizar o conceito subjetividade por entender, a partir de Moraes e Veiga da Silva (2019), Procópio e Vieira Filho (2023), dentre outros, como marcas do sujeito na produção de discursos, o que envolve a exposição íntima, as emoções e as reelaborações de si. Essas lógicas têm se fortalecido no jornalismo e, por isso, cabe-nos apreendê-las aqui. Esse conceito se difere de subjetivação, como traz Martins, Procópio e Silva (2023), por se tratar do processo pelo qual o sujeito se constitui por meio da linguagem e das relações de poder. Válido assinalar que a subjetivação ocorre mesmo em contextos desiguais, pois pessoas subalternizadas são moldadas por essas relações. O jornalismo contemporâneo, como um todo, participa desse processo, sem especificidade clara.

e lutas cotidianas. Celena é uma mulher preta de 56 anos, moradora da baixada fluminense, mãe solo de oito filhos e, hoje, está cursando Serviço Social na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Celena diz: “[...] eu sou uma sobrevivente, resisti muito e continuo resistindo até hoje” (Fantástico, 2024a, 2min27s-2min32s). Nesse momento, ela se refere à fome, à desigualdade social e, fundamentalmente, ao racismo que sofreu em toda a vida. Lorena, ao ser perguntada por Chico sobre quem ela é, chora e se define como: “[...] uma pessoa sonhadora e grata à vida, pelas oportunidades que ela me deu, pelas pessoas que eu conheci que me ajudaram a caminhar até a Lorena que eu sou hoje” (8min-8min20s). Lorena também é uma mulher preta, que viveu por sete anos em um orfanato e, hoje, está concursada e formada em Economia.

Em 5 de maio de 2024, o segundo episódio é apresentado no *Fantástico* com histórias em Recife, na Estação Recife. Chico conversa com Keyla Santana, mulher empreendedora, que produz bolsas e, como autônoma, encontrou possibilidades de cuidar dos três filhos. Uma das crianças, a Ayla Clara, é autista e ela conta, ao ser questionada sobre como a sociedade lida com o autismo, que: “ainda está muito complicado, porque, como o autista, ele não tem rosto... na maioria das vezes que você vê uma criança e as pessoas acham que ela está com imbirra [sic] [...], mas não é. E é pior ainda quando a sociedade em si não agarra a causa (Fantástico, 2024b, 1min53s-2min15s). Em seguida, a conversa é com Ricardo Veríssimo que se assenta na cadeirinha com uma de suas filhas, Maria Flor, no colo. Ele diz que “ser pai é crescer com a criança, é crescer com seus filhos e aprender diariamente” (Fantástico, 2024b, 6min58s-7min04s). Ele destaca que, com suas filhas, tornou-se um homem cheio de medo e de coragem, mas que quer construir um mundo em que elas não tenham medo de ser quem são.

Figura 1 - Entrevistadas e entrevistado



Neste artigo, não temos a pretensão de comparar as histórias que aparecem no *Fantástico* com as do RJTV, nem mesmo esquadrihar as histórias em categorizações. Para nós, importa mais refletir sobre as narrativas de vida e o lugar ocupado no jor-

nalismo do que buscar metodologias que vão se debruçar em categorias e modos de encaixotar as histórias. Escolhemos trabalhar com as duas edições mencionadas como gesto de aproximação com o quadro e as histórias que emergem nele. A abordagem analítica que fundamenta a leitura dos episódios parte de uma perspectiva discursiva respaldada em repertórios teórico-conceituais das narrativas de vida e do jornalismo juntamente aos dois episódios mencionados. Esse caminho metodológico visa não apenas a descrever o conteúdo, mas a entender os sentidos produzidos pelas *Cadeirasinhas* como produção jornalística e espaço de escuta e reconhecimento da alteridade.

Para tanto, o texto é dividido em dois eixos: o primeiro eixo aborda a subjetividade e a alteridade imersas no jornalismo e nos modos de trazer as vidas anônimas ao espaço de visibilidade midiática (Lévinas, 1997; Moraes; Veiga da Silva, 2019; Procópio; Vieira Filho, 2023; Ribeiro; Sacramento, 2020); o segundo eixo trata das narrativas de vida como processos de (re)significação e de exposição das intimidades (Arfuch, 2010; Sibilia, 2016), entendendo que o jornalismo, por vezes, se interessa pela vida das pessoas quando elas são fontes em algum acontecimento, mas que, com as *Cadeirasinhas*, esse ato modifica e traz a vida de pessoas comuns contadas em um dos principais programas dominicais da televisão, cujo lema é “o show da vida”. Sabemos que o jornalismo canônico, isto é, a produção *hard news* clássica, segue um modo de construir narrativas que se pauta pela objetividade e pelo distanciamento, com tentativas de alçar neutralidade ou imparcialidade, porém as narrativas passam a incorporar a subjetividade como parte do ato de noticiar os acontecimentos (Moraes; Veiga da Silva, 2019). É nesse sentido que propomos esta reflexão.

Narrativas de vida no jornalismo contemporâneo, processos de subjetividade e alteridade

Narrar é prática cotidiana, que se desdobra por meio da linguagem e está presente em todos os instantes da vida. Situada em contextos atravessados por dimensões espaço-temporais e sujeitos, as narrativas podem adquirir diferentes expressões no dia a dia. Nesse sentido, quando narramos, garantimos existência e permanência daquilo que está sendo contado.

Mariana Procópio (2014) ressalta que os processos de apuração jornalística, sobretudo quando pensados pela ótica do jornalismo literário, são constituídos a partir de imersão no universo do personagem cuja vida será tematizada, bem como a partir do uso da subjetividade para captação e construção da narrativa, que tende a se tornar mais humanizada e diferente do que acontece nas coberturas jornalísticas cotidianas. A prática jornalística que se pauta por uma perspectiva humanizada teria uma preocupação maior com o entendimento das complexidades dos fenômenos sociais e uma abertura maior às vozes e às vivências das diversidades (Ijuim, 2017).

Em tempos de rapidez e efemeridade, a produção das narrativas jornalísticas segue o mesmo passo com notícias factuais e atuais. No entanto, o jornalismo literário envolve formas de narrar os acontecimentos com uma abordagem mais subjetiva, tanto

do jornalista quanto de quem é entrevistado, explorando as experiências e os sentimentos. Esse tipo de fazer jornalístico influenciou outras produções midiáticas que prezam pela narrativa envolvente e uma compreensão mais aprofundada das pessoas (Pena, 2006).

Devemos assinalar que a humanização não pode ser apreendida apenas como uma vertente de sentimentos ou um processo patêmico, que busca captar os públicos almejados, mas, sim, uma categoria ética fundamental para se repensar a deontologia jornalística e desestabilizar práticas que desconsideram as pessoas em suas singularidades e reconhecimentos. Humanizar pressupõe romper com as invisibilidades históricas de corpos dissidentes, por exemplo, resgatando as proposições de Fabiana Moraes e Marcia Veiga da Silva (2019), e possibilitar a elaboração da própria história.

Essa característica de humanização dos relatos parece encontrar seu ápice nas narrativas de vida, visto que, por meio delas, é possível materializar, documentar e garantir a existência de quem e do que está sendo dito, adquirindo, assim, estatuto de registro, memória e sentido. Ao nos atentarmos especificamente aos atos de narrar uma vida — seja a própria ou a de outrem —, identificamos uma localização privilegiada no jornalismo contemporâneo. Monica Martinez (2022) aborda a existência de diferentes gêneros informativos nos quais as histórias das pessoas são elementos basilares para a narrativa a ser contada, como as reportagens, cuja origem provém do jornalismo literário e das recomendações de redação que prezam pela extensão, criatividade do jornalista e profundidade contextual e das vidas abordadas, ou as entrevistas, em que alguém é a fonte de informação para que se possa contar sobre um acontecimento.

“Por mais que o mundo esteja em mutação, a realidade é que a comunicação é feita por humanos e para seres humanos” (Martinez, 2022, p. 35). O jornalismo, enquanto prática comunicativa de informações, é intrinsecamente construído sobre o caráter central das histórias de vida como parte essencial de seu exercício. Segundo Monica Martinez (2022), uma aposta possível para o jornalismo é unir a *Jornada do Herói e da Heroína* e a *Biografia Humana*, mescla de metodologias que permitem um fazer dialógico que não apenas valoriza a história de uma pessoa, mas também sintoniza as mudanças epistemológicas, deontológicas e éticas do campo.

Válido mencionar que a sociedade contemporânea possui uma urgência pela instantaneidade, ao passo que anseia registrar ao máximo e recorrer ao passado. Pode-se afirmar que

estamos imersos numa cultura da memória, que se expressa pelo valor dado às experiências pessoais e biográficas, mas também às coletivas e sociais. Somos marcados pelo terror generalizado do esquecimento e, nesse contexto, a memória emerge como um imperativo que se impõe em diversos campos da vida social (Ribeiro; Sacramento, 2020, p. 9, grifo dos autores).

E esse fenômeno também se entrelaça ao jornalismo e suas interfaces com as mudanças tecnológicas e a participação engajada do público. Em uma sociedade que se confessa e confia ininterruptamente, tal como já considerava Michel Foucault

(1999), o testemunho e a narrativa de vida participam do jornalismo como peças que conferem mais legitimidade aos fatos. Em um cenário contemporâneo atravessado por ataques ao jornalismo, sobretudo por desinformações, a subjetividade se torna uma estratégia narrativa capaz de gerar empatia dos públicos alcançados. Essa reação é também uma forma de romper com visadas estanques ao objetivismo (Moraes; Veiga da Silva, 2019). Contudo, em que medida a subjetividade agrega valor à informação? Ana Paula Ribeiro e Igor Sacramento (2020) notam que a intenção na mobilização desses recursos, em geral, busca validar a ocorrência de um evento. Isso é particularmente evidente em relatos de problemas, tragédias ou situações em que a experiência direta é central para corroborar com a informação. Os testemunhos, ao adotarem uma estética semelhante às confissões e às confidências, reforçam o papel de transparência e de veracidade no jornalismo.

Historicamente, o jornalismo valoriza a objetividade narrativa das informações, sendo que, por vezes, restringe-se a poucos caracteres para responder às perguntas do *lide* (O quê? Quem? Quando? Onde? Como? Por quê?), em uma estrutura narrativa de pirâmide invertida, em que os pontos principais são respondidos no começo do texto e as informações acessórias ao final, cujo propósito é sintetizar os elementos essenciais de uma história. Essas são, portanto, tentativas de distanciamento e de apagamento das marcas enunciativas para que os fatos se revelem por si. Alinhado ao paradigma iluminista, o jornalismo é visto como uma fonte de conhecimento que capacita a sociedade a compreender o cotidiano. Contudo, cabe situar a entrada da subjetividade nessa narrativa, o que não representa uma contradição aos dados tampouco uma fragilidade diante ao ato de informar. O jornalismo não é estável ou limitado a regras imutáveis, como explica Valéria Vilas Bôas (2023), estando em disputas constantes de sentidos dentro de determinado tempo histórico. E a subjetividade tem se tornado basilar para o jornalista em tempos nos quais o relato sem marcas biográficas não é suficiente para o exercício de construção das informações (Procópio; Vieira Filho, 2023); ao jornalismo cabe, além de um fazer-saber, também um fazer-sentir (Procópio, 2014).

Parte dessas mudanças que impactam o jornalismo contemporâneo originam-se do contexto dos anos 1960. Nesse período, os movimentos literários provocaram uma revolução no modo como as notícias e as histórias eram contadas. Conforme Edvaldo Lima (2009) explica, a incorporação de técnicas literárias e de narrativas de ficção aos textos jornalísticos não visava apenas a explorar outras formas de escrita, mas também a questionar e a contestar normas estabelecidas socialmente. Mariana Procópio (2014) também complementa que

Um dos objetivos dessa modalidade é aprofundar o conhecimento dos fatos pela representação da experiência vivida e observada, a partir de uma preocupação estética, que fará uso de procedimentos costumeiramente ligados ao universo literário. O Jornalismo Literário caracteriza-se, assim, por uma renovação estilística, ideológica e funcional (Procópio, 2014, p. 70).

Essa ruptura com um fazer mais tradicional, orientado pela objetividade e factualidade, realça a adoção de uma perspectiva mais subjetiva, que explora experiências e

sentimentos das pessoas envolvidas nos fatos narrados. Nessa esteira de pensamento, Fabiana Moraes (2022) acentua a importância das críticas à objetividade do jornalismo e explica que esse paradigma fundamentado “[...] em uma racionalidade que se coloca como universalista, construída sobre ideais humanistas racializados, generificados, sobre uma racionalidade que construiu um ‘normal’ e um ‘Outro’” (Moraes, 2022, p. 15) é um problema por criar polos opostos que reiteram normas e desumanizam pessoas e grupos sociais.

Ter o questionamento de Fabiana Moraes (2022) como horizonte significa conceber a subjetividade não em um plano individual, mas mediante uma perspectiva coletiva. É crucial considerar a dimensão contextual, visto que vivemos em um país notavelmente desigual e violento, onde determinadas pessoas não são escutadas ou visibilizadas como parte do jornalismo com suas histórias de vidas, sendo apenas retratadas como objeto ou agente de violência cotidiana. Nesse sentido, podemos nos aproximar das considerações de Valéria Vilas Bôas (2023, p. 28) que enfatiza que “tornar-se sujeito implica sempre uma relação com o outro que me reconhece enquanto tal a partir de um amplo conjunto de normas e relações”, o que levanta questionamentos sobre como o jornalismo, enquanto prática cotidiana de constituição de subjetividades e reconhecimento da alteridade, pode reforçar ou romper com opressões, desigualdades e violências.

Um caso atual para refletir as narrativas de vida e a subjetividade é o quadro *Cadeirinhas*, que, de algum modo, tensiona o fazer jornalístico canônico. Ao dar destaque para vidas de pessoas comuns, a ação desenvolvida pelo jornalista Chico Regueira não é de concentrar a informação em si ou agir sisudamente como parâmetro de credibilidade. Em matéria escrita pelo jornalista Jeff Benício (2024), no portal *Terra*, o trabalho desenvolvido pelo quadro se destaca pela humanização das pessoas e pela necessidade de ocupação do jornalismo por narrativas de vida que representem pessoas colocadas às margens da escuta, da visibilidade e da aparição no jornalismo.

O jornalismo humanizado feito por Chico Regueira precisa ser replicado por outras emissoras. Pessoas não são números ou apenas objetos de manchetes. Imprescindível individualizá-las e oferecer a dignidade merecida quando estão diante da câmera. Quem se senta naquela cadeirinha simples representa o Brasil de verdade (Benício, 2024, parágrafo 8).

Esse tipo de trabalho vai ao encontro do que Marleth Silva (2017) provoca sobre a arte de contar histórias, ou seja, a narrativa, que exige do jornalista saber escutar e observar, pensar e reescrever, em um nível exaustivo. Abrir-se ao outro, ou como Emmanuel Levinas (1997) expressa com o conceito filosófico de rosto — a manifestação da alteridade diante de mim que me desloca e me provoca —, é um desafio de responsabilidade contínua sobre as relações sociais que deve ser continuamente pensado pelo jornalista.

Essa ética da escuta revela, além do modo como as entrevistas são conduzidas pelo jornalista, elementos importantes de atenção. Um deles é o som de fundo mantido

que pode ser *ouvido* com o barulho das ruas, enquanto a *escuta* em si se concentra nas falas das pessoas entrevistadas. Outro momento é quando Lorena de Sousa chora ao ser perguntada sobre quem ela é. O jornalista acolhe o tempo da memória, do silêncio e do choro na elaboração e na ressignificação dela, gesto que desloca a pressa do jornalismo canônico presente no *hard news* cotidiano. Escutar, nas aproximações com as explicações de Debora Diniz e Ivone Gebara (2022), é fundamentalmente abrir-se ao outro, reconhecendo-o e tendo atenção ao que é narrado. A pausa da escuta no jornalismo se configura como o momento em que a subjetividade ganha destaque, confirmando o argumento de que Cadeirinhas atua como reconhecimento da alteridade. Há que se notar, por outro lado, que o quadro é composto por edições e limitação de tempo, em torno de dez minutos, o que assinala lógicas televisivas de produção e exibição consoantes aos interesses editoriais e comerciais da emissora.

Outro ponto que nos parece importante de ser entendido em diálogo às *Cadeirinhas* é a construção de conhecimentos sobre a realidade a partir do que o jornalismo tematiza. Em uma reflexão sobre os discursos de autolegitimação do jornalismo, Bruno Leal, Nuno Manna e Phellipy Jácome apontam que o Grupo Globo, nos princípios editoriais que regem a atuação jornalística da organização, lançado em 2011, entende “[...] o jornalismo como uma atividade produtora de conhecimento, a ser posteriormente aprofundado pelo próprio jornalista, por cientistas sociais e especialmente pela História” (Leal; Manna; Jácome, 2017, p. 150), embora seja uma instituição marcada pelo contraponto da rapidez da necessidade noticiosa na contemporaneidade. Esse modo de entendimento do Grupo Globo nos direciona a refletir em que medida a narrativa de vida de pessoas comuns, ou seja, aquelas que não são celebridades e tampouco seriam foco principal da atenção pública, adquire importância na construção de conhecimentos sobre a realidade.

O quadro *Cadeirinhas* emerge como outro modo de conhecer a realidade, focalizando em temas como racismo, dificuldades cotidianas e dilemas na criação dos filhos, deslocando-se da centralidade dada ao jornalista e passando a narração de pessoas desconhecidas. As histórias contadas por Celene Santos e Lorena de Souza no primeiro episódio exibido no *Fantástico*, por exemplo, evidenciam singularidades e recordações da própria vida, mas se entrelaçam por coletividades, isto é, por momentos que outras inúmeras pessoas vivem cotidianamente na sociedade brasileira, embora não sejam contadas diretamente por elas no jornalismo. São histórias crivadas pelo racismo que nos escancaram uma ferida aberta na sociedade brasileira há séculos. Assim, constitui-se um gesto de racialização do debate, como propõe Fabiana Moraes (2022), bem como de trazer questões de gênero, classe e regionalidades em voga. As semelhanças das histórias constituem formas de aproximação e de reconhecimento do outro e de si ao poder escutar quem se abre a narrar a si.

Diferentemente do que está grafado nas normas que conduzem o jornalismo do Grupo Globo, o conhecimento construído por esse tipo de jornalismo não precisa do aval ou da outorga de uma ciência para se mostrar como real, aceitável e válido. Estamos diante de experiências, de situações sentidas na carne, que não podem ser aven-

tadas por posturas neutras ou falsamente isentas que regem o jornalismo. Com isso, abrem-se questões deontológicas e políticas capazes de provocar o jornalismo que precisa ser entendido como local de conhecimento desestabilizador (Moraes, 2022). Por outras palavras, essa subjetividade no jornalismo e nas *Cadeiras* mostram que o quadro não buscou o acontecimento extraordinário, muitas vezes presente no telejornalismo tradicional brasileiro, mas a singularidade do comum que é parte do coletivo. Esse conhecimento desestabilizador consiste em atribuir estatuto de informação a uma história cotidiana de mulheres pretas, de mães e pais, tensionando a hierarquia de valores do jornalismo hegemônico.

Extimidades e o “show da vida” no jornalismo

Até aqui, notamos que o quadro *Cadeiras* fricciona o fazer jornalístico ao centralizar a vida comum como informação e conhecimento. O testemunho não é do jornalista que vivenciou um acontecimento durante a apuração, mas proveniente das pessoas com quem ele conversa. No caso, o jornalista em cena testemunha o ato de relatar a si feito por esse outro que se abre diante dele. Na toada dos argumentos desenvolvidos por Fabiana Moraes (2022), preocupada com a prática cotidiana e, em específico, com a pauta, a pesquisadora salienta que o jornalista deve ser um sujeito perguntador, pois a informação vai surgir a partir das perguntas empreendidas por ele e, por conseguinte, notar aquilo que estava adormecido socialmente e que necessita de um olhar atento e sintonizado às demandas públicas.

A figura de Chico Regueiras nos parece estar em sincronia com essa preocupação por meio das perguntas direcionadas e a tentativa de manutenção do quadro tanto no telejornalismo local quanto nacional. No quadro, além de abordar as pessoas e convidá-las para uma breve conversa, ele orienta o caminho com perguntas direcionadas a partir daquilo que o entrevistado diz ou pelas pistas deixadas nesse dizer. Nos dois episódios, percebemos a centralidade do passado e da reelaboração de si nas respostas dadas pelas pessoas entrevistadas ao serem motivadas pelas perguntas, selecionando aquilo que desejam evidenciar publicamente.

Cabe ainda questionar que tipo de “outro” é convocado pelas *Cadeiras*. Mesmo que o espaço público seja um lugar em que pessoas com diferentes marcadores sociais circulam, bem como o quadro focalize em uma ideia de popular urbano, comum em outras produções da TV Globo, e de sentidos sobre cotidianidade, entendemos que a alteridade, no caso estudado, não seja lida e apresentada por uma exotividade, mas pela singularidade das experiências de cada vida. Esse outro que aparece assinala, paradoxalmente, diferenças e proximidades com o público, pois é visibilizado em um espaço voltado à construção de narrativas ordinárias por meio da subjetividade. Diferencia-se, portanto, de produções da televisão brasileira que apelam para o grotesco, no sentido trazido por Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002), como exemplo o *Programa do Ratinho* e seu quadro Teste de DNA, em que histórias de pessoas comuns são exibidas e se tornam alvo de chacota e rebaixamento público.

Por mais despretenhosa que a conversa nas *Cadeirasinhas* queira parecer, há câmeras, microfones, equipes por trás, elementos que indicam que a conversa não é simplesmente uma troca comum. Mesmo que a entrevista busque se assemelhar a um diálogo entre alguém que se coloca na posição de escutar e alguém que é impelido a narrar a si, há uma assimetria marcada pela ausência de vínculos diretos entre eles — mesmo que Chico Regueira seja figura conhecida, sobretudo, no telejornalismo local do Rio de Janeiro, algo que se nota com as imagens iniciais dos cumprimentos que ele recebe de Celena Santos (Fantástico, 2024a), a relação estabelecida não é de amizade, mas de um acolhimento que dura por poucos minutos apenas enquanto a conversa ocorre. Conseguimos associar que essa relação provisória se aproxima de uma confiança, ou seja, um abrir-se para o outro que se apresenta como semelhante (Souza, 1993). Em uma conversa “olhos nos olhos”, como o modo de gravar sugere, momentaneamente, a confiança se torna um ato diluído no diálogo. Ali, quem está na posição de entrevistado projeta intimidades que deseja compartilhar a partir das provocações colocadas por Chico Regueiras.

Figura 2 – Trecho da conversa entre Chico e Celena



Fonte: Fantástico (2024a).

Tomemos como outro exemplo o segundo episódio, no qual Keyla Santana diz sobre a experiência de ser mãe de três filhos e acumular outros papéis sociais, como trabalhadora. Quando ela conta sobre umas das filhas ser autista e é questionada sobre o modo como a sociedade lida com crianças no espectro da neurodivergência, ela diz que os preconceitos são sentidos e que tenta inserir sua filha às experiências sociais, mesmo que as barreiras sejam frequentemente colocadas à sua frente. Esse momento evidencia lutas que são coletivas, vividas por outras mães, embora, de modo geral, não teriam esse espaço televisivo e jornalístico para dizer sobre os desafios do dia a dia.

Em sintonia a isso, conforme o pensamento de Paula Sibilia (2015), vivemos momentos de facilitação do acesso à vida íntima a partir das práticas contemporâneas de

comunicação. Indo além, compreendemos que vivemos contextos que nos impelem a dizer sobre quem nós somos a todo instante. Independentemente da amplitude da pergunta (por exemplo, “quem é você?” apresentada por Chico Regueiras à Lorena de Sousa), provoca-se um ato de expor as intimidades, abrir-se ao outro e selecionar aquilo que vai ser contado. As respostas constituem-se como enunciações que se voltam à memória para reelaborar e ressignificar os passados por meio de condições do presente, mirando possíveis futuros, bem como formas de lançar ao êxtimo sobre si.

A extimidade (Sibilia, 2015, 2016) revela-se, portanto, como fenômeno contemporâneo de considerável relevância, redefinindo e embaralhando limites que tradicionalmente separavam o privado e o público, o que era considerado notícia ou não, o socialmente exposto ou o que era para ser um segredo individual. Essa dinâmica não se restringe apenas a uma mera inversão de valores, mas a uma fusão complexa na qual a subjetividade é construída e manifestada em espaços nos quais sujeitos se fazem visíveis, como é o jornalismo. Configuram-se, desse modo, novas sociabilidades e interações. Paula Sibilia (2015, p. 140) diz que “[...] é válido conjecturar que atualmente está se produzindo uma mudança histórica nos modos de construir o que somos, assim como nas maneiras de nos relacionarmos com os outros e com o mundo”. Dessa forma, percebemos que as intimidades são deslocadas do âmbito privado e se tornam públicas em uma sociedade que cada vez mais é espetacularizada.

Mediante essas apreensões, ao colocar uma cadeira posicionada em um espaço público e conduzir uma entrevista a fim de fazer quem é entrevistado elaborar a si e ressignificar a própria, instaura-se um processo de exibição da intimidade ao/em público. Por outras palavras, o entrevistado projeta a vida privada ao público desconhecido que o assistirá no *Fantástico*. A extimidade não se dá apenas assim, mas na tentativa de gerar proximidade com temas cotidianos que ressoam na vida de milhares de brasileiras e brasileiros. Também ocorre quando o processo de construção da narrativa faz uso de planos de imagem mais fechados nos rostos, ao mesmo que o fundo da imagem permanece desfocado com a movimentação do espaço público, o que transforma o relato íntimo de si em um espetáculo gravado da subjetividade mediada pelo jornalismo. Logo, ao exteriorizar fragmentos da própria vida e se reelaborar, a conversa com o jornalista deixa de ser uma confidência entre eles e passa a ser formas de conexão coletiva sobre experiências singulares que ressoam no coletivo.

A objetividade e o pacto de neutralidade da informação, reveladores de matrizes coloniais e universalizantes do jornalismo, parecem se transformar a partir da mobilização de estratégias que conformam outros modos de noticiar, nos quais as pessoas e suas subjetividades estão em cena, desorganizando e (re)organizando o trabalho e o relato jornalístico. Conforme Rafael Martins, Mariana Procópio e Marcos Silva (2023, p. 138), não se trata de manutenção estanque e dicotômica entre objetividade e subjetividade, mas a percepção da transversalidade do “lugar do sensível, do eu e dos afetos em tessituras menos convencionalizadas pelos limites da neutralidade e da isenção realista no telejornalismo”.

Com esse entendimento, é válido acentuar que não é possível apenas relatar os fatos, ato que a objetividade visa a alçar a essa pretensa ideia cristalizada. Logo, o

testemunho, como uma ação que oscila entre confessar e confidenciar, se torna parte da construção informativa ao evidenciar bastidores, intimidades e olhares do repórter, juntamente ao testemunho de cada sujeito escutado.

Também merece enfatizar que o gesto ético de escutar o outro emerge como um elemento transformador no jornalismo contemporâneo, como no caso das *Cadeiras*. A busca pelo comprometimento com narrativas que priorizam a escuta demonstra como profissionais da comunicação reestruturam a compreensão das práticas jornalísticas, a procura por provas e os processos de apuração. Historicamente, o jornalismo se concentrava na validação das declarações das fontes e na busca de evidências concretas, elementos que devem permanecer como norteadores do trabalho, mas não devem se limitar somente a esses, visto que a perspectiva ética vai além dessa abordagem e traz implicações deontológicas. Ao invés de o jornalista se limitar a verificar a veracidade do que foi dito pela fonte, a escuta se constitui como um gesto ético que exige uma postura mais abrangente, isto é, estar atento e construir um espaço para que diferentes vozes e histórias possam emergir e serem protagonistas. Não se trata de coletar informações de maneira distanciada, mas compreender as emoções e os contextos, envolver diferentes pessoas e trazer a experiência para a centralidade. Com isso, o jornalismo passa a ser mais inclusivo e humano, fazendo com que as histórias que, até então, estariam invisibilizadas passem a ter destaque. O compromisso com a escuta, portanto, redefine a ética e os deveres profissionais do jornalismo por meio da atenção à responsabilidade social. Trata-se, em certa medida, de uma mudança de paradigmas do jornalismo, haja vista que o modo canônico de informar preza por falar e, consecutivamente, transmitir informações, enquanto o compromisso ético com a escuta da alteridade tende a acolher e a cumprir o dever social da profissão.

Considerações finais

A inserção das *Cadeiras* no *Fantástico*, programa que marca a transição entre jornalismo e entretenimento, assina tensionamentos importantes como notamos nesta pesquisa. Por mais que o quadro represente uma desestabilização do fazer jornalístico, ainda assim residem questões institucionais da emissora quando ao que é considerado informativo, ao tempo de exibição e às edições do material exibido. O potencial das narrativas de vida gera engajamento e atenção e exigem abertura e escuta, aspectos estes que contrariam a velocidade e a frieza do factual. Esse quadro interrompe o fluxo noticioso do que foi informação da semana para dar espaço às vidas comuns e às suas experiências.

Depreendemos que as *Cadeiras* é um caso de fazer jornalístico guiado pela subjetividade como marca discursiva na construção narrativa e de abertura à escuta do outro, visto que segue por uma contramão de rotas tomadas nos espaços midiáticos, especificamente na televisão, em que o tempo é um medidor importante para o espaço conferido a um tema juntamente aos índices de audiência que deflagram investimentos e resultados mercadológicos. Compreendemos que *Cadeiras* é um exemplo jornalís-

tico de virada testemunhal, ou seja, a autoridade do testemunho não é fixada no relato do jornalista, e sim no relato em primeira pessoa do entrevistado. Parece-nos, portanto, que levar as cadeirinhas aos espaços públicos se estabelece como uma pausa no meio do movimento caótico das capitais e da vida urbana, oriundo das lógicas da modernidade e de ideologias de progresso.

Quem passa por ali e aceita o convite do repórter, é levado a contar passagens da vida por alguns minutos e, assim, elaborar suas subjetividades. Nesse cenário de conversa, vemos pessoas e veículos em movimento ao fundo seguindo pelo fluxo da correria e da falta de tempo. Há ruídos e barulhos, que nos acostumamos a ouvir no cotidiano, mas a escuta se concentra em quem se torna protagonista naquele instante. A construção da narrativa de vida pelos indivíduos é influenciada pelas indagações do repórter, que conduz o diálogo conforme o desenvolvimento das respostas das entrevistadas e dos entrevistados, resultando na revelação de aspectos íntimos a um público desconhecido (o repórter e os telespectadores). Com isso, abre-se uma forma de dar visibilidade a relatos de vidas que, provavelmente, não seriam pautados no jornalismo dessa maneira e que sequer ganhariam amplitude pública e nacional. Mesmo que existam limitações e regras no jornalismo da emissora, essa humanização opera um tensionamento ao permitir que o tempo do relato e do cotidiano seja parte fundamental da narrativa sobre o tempo produtivo do telejornalismo tradicional cotidiano.

É importante, porém, perceber que o ordinário e o comum adquirem um estatuto e uma apreciação no atual momento de valorização das subjetividades e intimidades na cultura, como explica Paula Sibília (2016). A sociedade contemporânea, imersa em contexto de superexposição, passou a conferir valores de ineditismo, assim como desejo às narrativas pessoais e àquilo que seria entendido como trivialidade. Essa busca contínua por autenticidade e desejo em ser visto impulsionam a emergência de um novo olhar sobre o cotidiano e a relevância cultural. Esse movimento nos parece se atrelar ao jornalismo que, em alguma medida, passa a introduzir os anseios pela narrativa de vidas comuns. Contudo, o alerta que deve ser produzido é sobre apropriações desinteressadas com possibilidades de visibilidade e sintonia com questões sociais que necessitam de atenção pública, isto é, desejos momentâneos pela vida do outro quando isso se torna sinônimo de lucratividade.

Mesmo que *Cadeirinhas* seja parte de interesses mais abrangentes da *TV Globo*, como se pode inferir quando o quadro local adquire sucesso e é amplificado para uma produção nacional de maior audiência, existe um compromisso com a narrativa de vida em seu sentido ético e de responsabilidade, de abrir-se à escuta e de visibilizar pessoas que, até então, não seriam alvo privilegiado da narrativa jornalística. Por fim, parece-nos, pelos caminhos reflexivos apontados neste artigo, que existe uma tensão no fato de ser uma atração do *Fantástico*, exibida no horário nobre no domingo da maior emissora hegemônica do Brasil, que tenta trazer o cotidiano, o anônimo e o ordinário em tela. Apesar de o programa ser conhecido por reportagens elaboradas e formas diferentes de informar, existe, por outro lado, um movimento da subjetividade nas narrativas jornalística que visa a adquirir engajamento e proximidade com o público e se

torna um modo de informar em tempos de desconfianças e de uma crise da credibilidade jornalística.

Referências

ARFUCH, Leonor. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro, EDUERJ, 2010.

BENÍCIO, Jeff. Quem é o repórter que comanda o comovente e necessário 'Cadeirinhas' na Globo. **Terra, Diversão - TV**, 29 abr. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/diversao/tv/quem-e-o-reporter-que-comanda-o-comovente-e-necessario-cadeirinhas-na-globo,4cf78056a1988e509ea5040b2899c27fe7tezkjd.html>. Acesso em: 16 jun. 2025.

BÔAS, Valéria Maria Vilas. O jornal do sujeito ou o sujeito do jornal?. In: LEAL, Bruno Souza; TASSIS; MANNA, Nuno (Orgs.). **Para desentender o jornalismo**. 1. ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2023, p. 25-36.

DINIZ, Debora; GEBARA, Ivone. **Esperança feminista**. 1. ed. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2022.

FANTÁSTICO. **'Cadeirinhas'**: a trajetória de duas mulheres fortes e inspiradoras. [S. l.]: TV Globo, 28 abr. 2024a. 1 vídeo (13min11s). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12554724/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

FANTÁSTICO. **Histórias de vida**: as "cadeirinhas" do Fantástico desembarcam nas ruas do Recife. [S. l.]: TV Globo, 5 maio 2024b. 1 vídeo (9min33s). Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/12572710/>. Acesso em: 3 jun. 2025.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

IJUIIM, Jorge Kanehide. Por que humanizar o jornalismo (?). **Verso e Reverso**, São Leopoldo, v. 31, n. 78, p. 235-243, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.4013/ver.2017.31.78.07>. Acesso em: 17 set. 2025.

LEAL, Bruno Souza; MANNA, Nuno; JÁCOME, Phellipy. Mudar para permanecer o mesmo: marcas de um discurso de autolegitimação jornalística na história. **Galáxia**, São Paulo, n. 34, p. 149-162, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1982-2554201729674>. Acesso em: 6 jun. 2025.

LÉVINAS, Emmanuel. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. Petrópolis: Vozes, 1997.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: o livro reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

MARTINEZ, Monica. **Jornada do herói**: a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2022.

MARTINS, Rafael; PROCÓPIO, Mariana; SILVA, Marcos. Estratégias de subjetivação no telejornalismo brasileiro: contexto, atores e práticas. In: PEREIRA, Ariane; MELLO, Edna; COUTINHO, Iluska (Orgs.). **Telejornalismo em mutação**: Rupturas e permanências. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2023, p. 137-161.

MORAES, Fabiana. **A pauta é uma arma de combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. 1. ed. Porto Alegre: Arquipelago, 2022.

MORAES, Fabiana; VEIGA DA SILVA, Marcia. A objetividade jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: XXVIII ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. **Anais eletrônicos...** Campinas, Galoá, p. 1-21, 2019.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho; VIEIRA FILHO, Maurício João. Vidas em situações de vulnerabilidade. In: PEREIRA, Ariane; MELLO, Edna; FINGER, Cristiane; EMERIM, Cárilda. **Na TV e em outras telas**. 1. ed. Florianópolis: Editora Insular, 2023, p. 287-303.

PROCÓPIO, Mariana Ramalho. Servindo a dois senhores: características de História e Jornalismo na produção biográfica contemporânea. **Comunicação & Inovação**, [S. l.], v. 15, n. 28, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.13037/ci.vol15n28.2253>. Acesso em: 26 set. 2025.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart; SACRAMENTO, Igor. **Televisão e memória**: entre testemunhos e confissões. Rio de Janeiro: MauadX, 2020.

SIBILIA, Paula. **O Show do Eu**: a intimidade como espetáculo. 2. ed. Rio de Janeiro: Contraponto, 2016.

SILVA, Marleth. **Técnicas de redação e edição na imprensa**. 1. ed. Curitiba: InterSaberes, 2017.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O império do grotesco**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 2002.

SOUZA, Pedro de. **Confidências da carne**: o público e o privado na enunciação da sexualidade. Campinas, SP. Tese (doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 166 p, 1993.

VILAS BÔAS, Valéria Maria. O jornal do sujeito ou o sujeito do jornal? In: LEAL, Bruno Souza; TASSIS, Nicoli; MANNA, Nuno (Orgs.). **Para desentender o jornalismo**. 1. ed. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2023, p. 25-36.

Recebido em: 28 set. 2025
Aprovado em: 09 jan. 2026